

# CAPÍTULO V

Uma vida para sempre.

*“O bem que praticares, em algum lugar, é teu advogado em toda parte.”*

*“Todas as nossas figurações mentais, o conjunto de nossas lembranças, as nossas alegrias íntimas e os nossos ressentimentos, as nossas dores, as nossas aspirações, elas formam o conjunto do clima em que a nossa desencarnação se verificará.”*

*Chico Xavier  
Emmanuel*

# O servidor incansável.

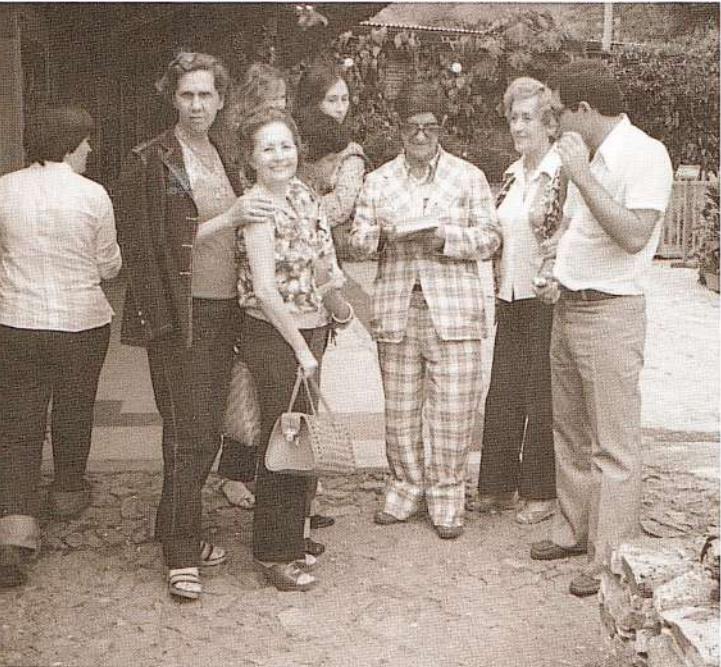


coa nas tradições da Lei, a imperativa orientação divina dirigida a Adão: — “Em fadigas, obterás da terra o sustento durante os dias de tua vida. No suor do rosto, comerás o teu pão.”  
- Gen. 3,17 e 19.

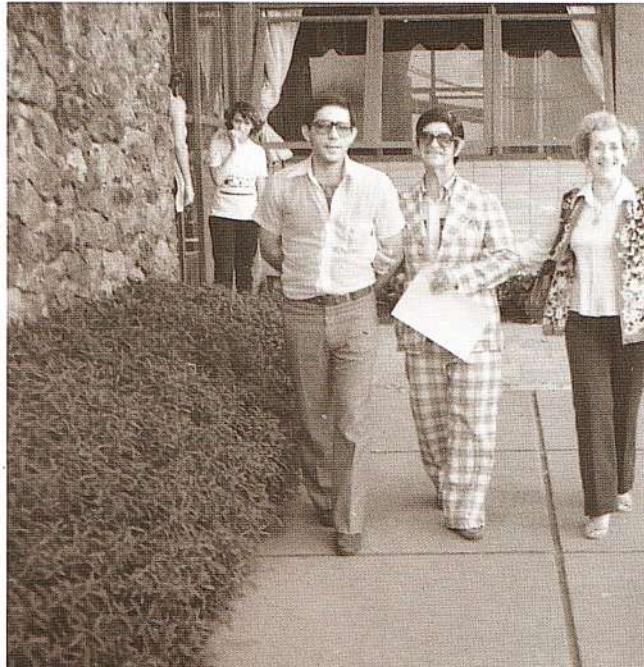
Decorridos dezenas de séculos, contemplamos o ser humano a jornadear pelas paisagens terrenas, ainda encarcerado em si mesmo por não ter cumprido completamente a orientação celeste a respeito de seu aperfeiçoamento, junto aos deveres de cada dia. Raros são os que cumprem as próprias obrigações. Muito poucos situam-se além da própria esfera de necessidade ou utilidade.

Foi por esta razão que destacamos a figura deste humilde funcionário público, aposentado como escrivário do quadro permanente do Ministério da Agricultura aos 17 de janeiro de 1961. Com reverência, recorremos à certidão de número 21 da Delegacia Federal de Agricultura de Minas Gerais, de 24 de dezembro de 1960, que diz textualmente acerca do servidor de nome Francisco de Paula Cândido: “Durante o período de 01/08/1935 até 24/12/1960, o referido servidor não gozou licença especial, nem justificada. (...) O total de tempo de serviço constante da presente certidão é de 9.278 dias, ou seja, 25 anos.”

Nenhuma falta ao trabalho, nada de licenças e suspensões! Este dado, por si só, impressiona, sobremaneira, a todos nós, impulsionando-nos a conhecer, na realidade, este homem diferente.



1981. Chico Xavier autografando livros no Restaurante Roda D'Água, BR 262, na companhia de Vivaldo da Cunha Borges, Maria Eunice Meirelles, Zilda Batista e Elza Fontoura Silva.



1981. Chico Xavier ladeado pelos amigos Vivaldo da Cunha Borges e Maria Eunice Meirelles, de passagem por Araxá, Minas Gerais.



Chico Xavier no jardim de sua casa em Uberaba, tendo ao colo a cadelinha "Fofa" e, ao lado, Vivaldo da Cunha Borges.



Abril de 1987. Chico Xavier em reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. À sua direita, Weacker Batista e o casal Carlos e Márcia Baccelli. À sua esquerda, "Tio Pedro" e Zilda Batista.



Abril de 1987. Chico Xavier psicografando em reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba.

Outros detalhes, ele mesmo nos conta a seu respeito:

— “Pude chegar até o fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze às duas horas da manhã. Essa situação modificou-se em 1923, quando, então, consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço durava das sete às vinte horas, mas onde o trabalho era menos rude. (...) Não pude aprender senão alguns rudimentos de Aritmética, História e vernáculo. (...) O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura. Ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde não se podia pensar em letras.” (\*)

— “Sobre (...) fatos e (...) provas irrefutáveis, solidificamos a nossa fé (espírita), que se tornou inabalável. (...) Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da Doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente (...) sentindo-me muito feliz por se me apresentar a oportunidade de progredir.” (\*)

Semelhante relato fala sozinho, dispensando comentários. Entretanto, ele é apenas uma face da personalidade de um homem que, antes de dar a Deus o que é de Deus, soube dar a César o que é de César.

Francisco de Paula Cândido, mais conhecido como Francisco Cândido Xavier, criado num ambiente onde não se pensava em letras, completou no último dia 8 de julho nada menos que 65 anos de atividades mediúnicas, ininterruptas, a serviço de Jesus e Kardec.

São 368 livros publicados sob a égide da Boa Nova e o patrocínio do Consolador prometido pelo Cristo de Deus.

Francisco de Paula Cândido: o escrevente datilógrafo, dando a César o que é de César.

Francisco Cândido Xavier: o médium escrevente ou psicógrafo, dando a Deus o que é de Deus.



Abri de 1987. Chico Xavier em sua casa em Uberaba, psicografando palavras do Dr. Bezerra de Menezes dirigidas a uma enferma.



Abril de 1987. Chico Xavier durante o Culto do Evangelho e da Assistência, realizado pelo médium aos sábados à tarde, numa vila de Uberaba.



1987. Chico Xavier em sua casa em momentos de endereçamento de mensagens aos amigos. Em sua companhia, as irmãs Mônica e Débora da Cunha Pacheco (de pé).

Simplesmente Chico Xavier, a alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade. Profundamente ama a verdade, porque as desilusões deste mundo fizeram-no conhecê-la através de incomensuráveis sacrifícios, constantes renúncias, árduas tarefas e obrigações fielmente cumpridas.

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” - Jo. 8, 32.

Chico Xavier, uma vida de verdade, plena de verdade. Um livro aberto de testemunhos santificantes.

Sua obra é um trabalho verdadeiramente livre, pois sabemos que para o Senhor não há trabalho vão (1<sup>a</sup> Co. 15, 58), e onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade (2<sup>a</sup> Co. 3, 17). Um trabalho livre, porque é o esforço mais intenso que pode haver para um ser humano — o de sua transformação moral pelos padrões evangélicos.

Um trabalho universal, porque estruturado no bem dos semelhantes. Esforço desse homem-símbolo, não como força natural intencionalmente treinada, mas como sujeito através do qual verte o amor puro das esferas mais altas para o alívio das almas em aflição bem-aventurada.

Chico Xavier, um homem simples.

Chico Xavier, o homem-símbolo desse trabalho livre, que nos descortina uma fase única de liberdade a garantir o pleno desenvolvimento das capacidades espirituais latentes no homem atual.

Parafraseando conhecido filósofo alemão do último século, este reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente impostos; por natureza, situa-se além da esfera material propriamente dita. Nele começa o pleno desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer, tendo por base o *amor*.

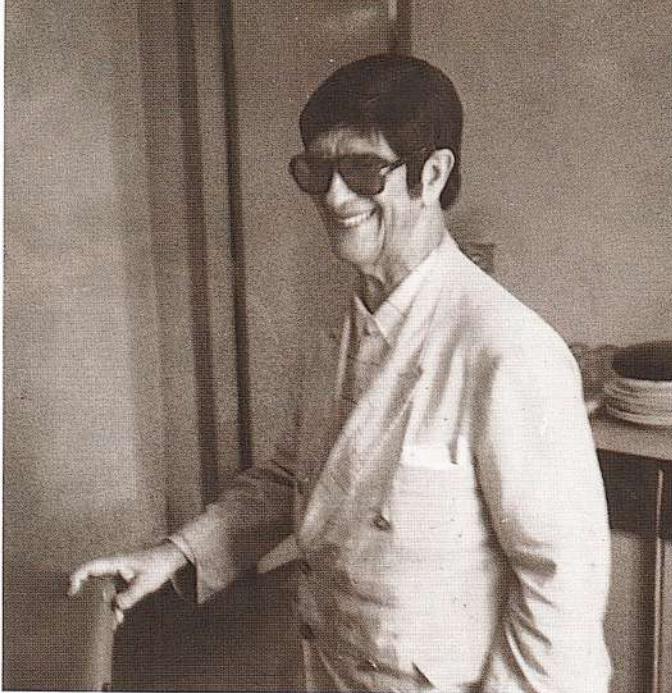
Foi deste amor que tratamos, de uma vida repleta de amor, inspirada no Caminho da Verdade e da Vida, baseada no “Amaímos uns aos outros, assim como eu vos amei” de Nosso Senhor Jesus. (Jo. 13, 34 e 35).

Falamos do ser humano extraordinário que, por tanto exemplificar o amor a nós outros em humanidade, é reconhecido pelo mundo como um discípulo do Mestre Nazareno.

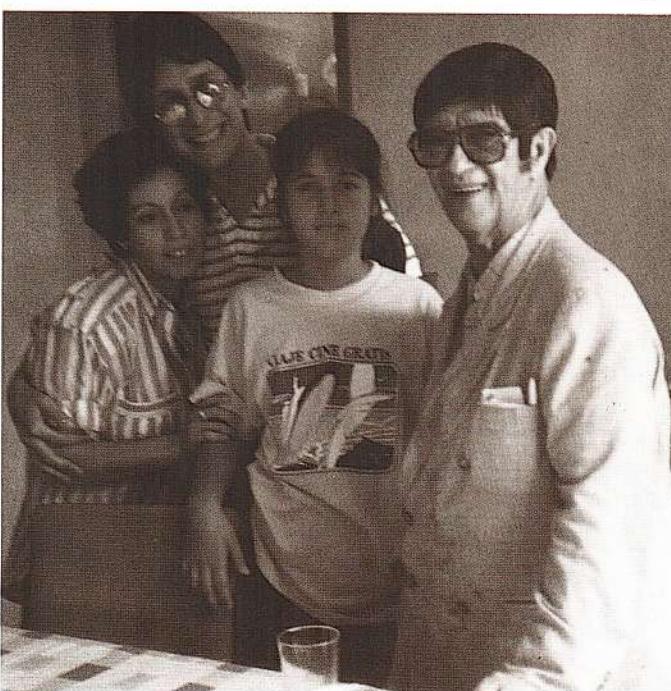
Passados quase 83 janeiros de sua abençoada existência, ouvimos auscultar o seu coração por todos nós querido e adivinhamo-lo a murmurar baixinho, com Paulo de Tarso (1<sup>a</sup> Co. 15, 10): “Pela graça de Deus, sou o que sou, e a Sua graça que me foi concedida não se tornou vã; antes trabalhei muito, toda-via, não eu, mas a graça de Deus comigo.”

Permita Deus possamos, por muitos anos ainda, desfrutar da presença amiga deste *servidor incansável*: Chico Xavier.

(\*) Excertos da página “Palavras Minhas”, constituidora da obra “Parnaso de Além Túmulo”, Francisco Cândido Xavier, 10<sup>a</sup> edição da F.E.B. — Federação Espírita Brasileira.



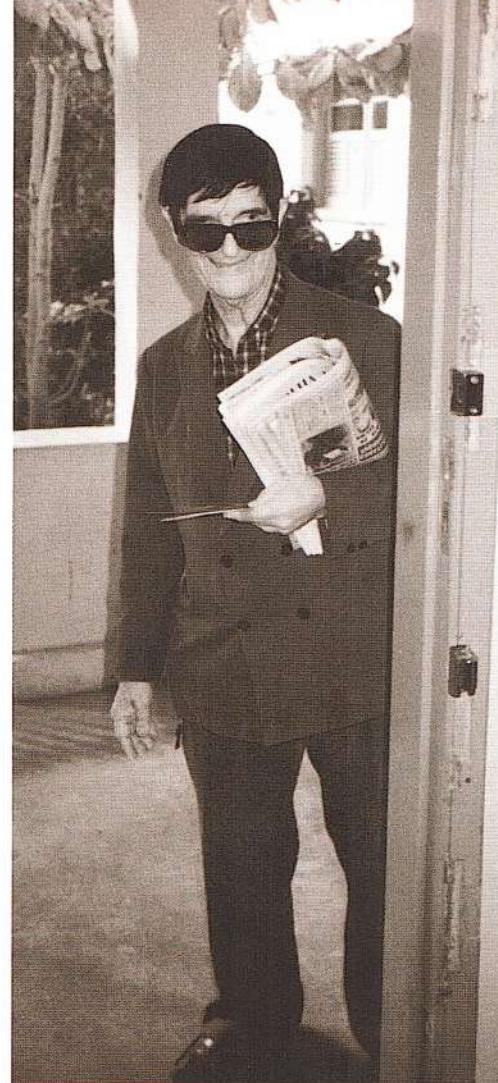
Novembro de 1987. Chico Xavier em sua casa em Uberaba.



Novembro de 1987. Chico Xavier em sua casa em Uberaba, sendo visitado pelo casal Geraldo e Eliana Lemos e Débora da Cunha Pacheco.



Novembro de 1987. Chico Xavier em sua casa em Uberaba. À sua direita, Eliana Lemos.



*Abri de 1988. Flagrantes de Chico Xavier em sua casa em Uberaba.*



*Chico Xavier ladeado pelo casal amigo Geraldo e Eliana Lemos.*



Dezembro de 1992. Chico Xavier em sua casa em Uberaba, na companhia de Vivaldo da Cunha Borges.



Dezembro de 1992. Chico Xavier na companhia de Geraldo Lemos Neto.



Chico Xavier na companhia de Dr. Eurípedes Higino dos Reis.

